

Adélia Borges



Parte III

Elas ajudam o design brasileiro a evoluir

Cadeira *Vermelha*, dos irmãos Campana, exposta em Milão. A peça é um sucesso de crítica.

Delia Beru



Ethel Leon



Maria Helena Estrada



Marili Brandão



Nem só de criadores e fabricantes é feito o mundo do design. É preciso haver mestres que ensinem, curadores que organizem exposições e jornalistas que as divulguem — pessoas que registram histórias, questionam e trocam conhecimento. As cinco

mulheres retratadas neste capítulo pertencem a esse grupo, que contribui para o desenvolvimento do design. Três delas são jornalistas. Adélia Borges iniciou a carreira na editoria de cidades, e Ethel Leon, na cobertura cultural. Aos poucos, a carreira de ambas caminhou para

a especialização em design. Já Maria Helena Estrada fez percurso inverso: primeiro se apaixonou pelo desenho de móveis e objetos, trabalhando como assistente na loja Forma, em São Paulo. “Só fui estudar jornalismo no início dos anos 1980, mesma época em que meus filhos faziam faculdade”, conta. Delia Beru e Marili Brandão são designers cuja contribuição ao desenvolvimento da produção nacional vai além das peças que criaram. Delia é a mentora de uma série de profissionais aos quais apresentou os meandros do funcionamento de uma fábrica. Marili auxiliou a estabelecer um intercâmbio entre o Brasil e a Itália ao montar na capital mundial do design, Milão, a exposição *Brasil Faz Design*. “Estimulados pelo evento, designers fizeram uma imersão na cultura industrial italiana. Isso foi importante para eles”, avalia. Nossas cinco damas se desdobram em outras atividades: são autoras de livros, curadoras de exposições e juradas de concursos. Adélia, Ethel e Marili tornaram-se ainda professoras de disciplinas ligadas ao tema em graduações e pós-graduações. Exemplo da generosidade destas mulheres, que fazem o conhecimento circular.

Adélia  
Borges



Rede de dormir, a escolha de Adélia: criação indígena virou peça doméstica.



Quando assumiu a direção do Museu da Casa Brasileira, em São Paulo, Adélia Borges, mineira de Cássia, precisou, literalmente, abrir portas. "A sede do museu é uma casa imponente e os portões ficavam fechados. As pessoas tinham que se identificar para entrar e isso causava constrangimento", conta. Idéias simples, como manter os portões abertos e ampliar o horário de visitação, fizeram a frequência saltar de 20 mil para 109 mil pessoas ao ano durante sua gestão (de 2003 a 2007). Jornalista formada pela ECA-USP, Adélia se especializou em design trabalhando na revista *Design e Interiores*. Em 1998, se tornou colunista da *Gazeta Mercantil*. "Percebi que os empresários não enxergavam a importância do design. Por isso, propus a coluna ao jornal." Uma seleção desses textos foi reunida no livro *Designer Não É Personal Trainer* (Edições Rosari). Adélia ensina história do design na Faculdade Armando Álvares Penteado (Faap), é curadora de exposições e, desde que deixou a direção do museu, intensificou a tarefa de divulgar o design brasileiro lá fora. Só no segundo semestre de 2007, fez palestras no México, na Austrália, no Chile, no Uruguai e na França.

2

#### 4 perguntas para Adélia Borges

**Eleja uma peça emblemática do design brasileiro até os anos 1970.** Rede de dormir

**E da década de 1970 para cá?** Cadeira *Verme/ha* (1993), dos irmãos Campana

**Que designers estão consagrados?** José Carlos Bornancini e Nelson Ivan Petzold

**E em quem você aposta?** Bernardo Senna, Cana Tennenbaum, Emile Badran, Fernando Maculan, Nó Design, Paula Dib e Renata Mendes